*Aprendendoensinando* com os caminhantes: cinema, redes educativas e migrações

Os deslocamentos são características fundamentais dos seres vivos. Entretanto, as tensões produzidas por estes processos têm provocado a xenofobia, discursos de ódio e a justificativa de tais atos pela ‘defesa’ de territórios, modos de vida, de crença e valores que foram criados pelos próprios seres humanos.

As diferenças culturais, étnico raciais, gênero, classe, religião e tantas outras justificam tais atitudes? O que nos difere é mais importante do que o que nos humaniza? Estas e outras questões nos impulsionou na produção deste trabalho. Nosso objetivo é narrar práticas educacionais que problematizam/ desconstroem/ desnaturalizam a xenofobia presente em nossa sociedade. Para tanto, utilizamos o cinema e a literatura que chamamos de *artefatos culturais* desencadeadores e potencializadores dessas e outras questões.

Nossas *conversas* teórico-epistemológicas se dão com Michel de Certeau, Paulo Freire, Bel Hooks, Homi Bhabha e Deleuze numa tentativa de pensar uma educação popular e em redes que contribua para a reinvenção de si e do mundo.

Neste sentido, faz-se importante mencionar as redes que nos constitui enquanto pesquisadores. Estamos vinculados ao campo das pesquisas *nos/dos/com os cotidianos* e desta forma conversamos com autores que nos permite pensar as práticas cotidianas e a complexidade da vida para além das questões macro políticas e econômicas.

Conforme mencionamos, o cinema é um dos artefatos culturais que usamos em nossas conversas acerca dos movimentos migratórios. Para Deleuze, o cinema cria realidades que nos permite pensar acerca de temas produzidos, tecendo inúmeros *conhecimentossignificacoes,* contribuindo na formação dos *praticantespensantes* em seus cotidianos, inclusive as escolas. Não estamos falando que, através do cinema, levamos realidades para as escolas. Alguns consideram o cinema como ‘janelas da realidade’, o que pensamos não ser. Concordamos com Deleuze, que a realidade é questionável. Todavia, quando assistimos um filme, somos transportados para uma outra dimensão, observamos o mundo de outro lugar. As imagens e sons do cinema não devem obedecer aos limites do quadro, mas fazer vibrar intensidades outras.

Compreendemos também que a escola é um *espaçotempo* de produção e divulgação de conhecimentos. É através dela que nos relacionamos com à diferença. Nela somos estimulados a duvidar, questionar e desnaturalizar certezas e verdades absolutas. Ela não apenas produz conhecimentos, mas formação humana.

Como professores de escola pública, nos sentimos impelidos a fomentar discussões que fazem parte do nossos cotidianos e dos cotidianos dos estudantes. É o que hooks (2016) nomeou como *pedagogia engajada* que compreendeos sujeitos de maneira integral, numa relação não restrita a transmissão de conhecimentos mas reinventa a si mesmo e ao mundo me que vivemos.